



ESCOPO TEÓRICO-METODOLÓGICO DAS DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ: EDUCAÇÃO HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NAS AULAS DE HISTÓRIA DAS ESCOLAS PÚBLICAS DE LONDRINA – PR/BRASIL: USOS E APLICABILIDADES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3818

Fernanda Pereira Santos, UEL

Resumo

Este artigo faz parte dos estudos no campo da Educação Histórica sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Marlene Rosa Cainelli e tem como principal objetivo analisar como professores da rede pública de ensino da cidade de Londrina-PR percebem sua disciplina, sua função, objetivos e aplicabilidade. Para tanto, um questionário proposto a cinco professores de escolas diferentes da região de Londrina foi utilizado como fonte e analisada à luz da metodologia de Análise de Conteúdo de Maria Laura Franco (2005). Antes, porém, uma explicação acerca das Diretrizes Curriculares para Educação Básica de História do Estado do Paraná (2008) foi feita uma vez que as mesmas são orientadoras do trabalho pedagógico dos professores em sala e utilizam-se dos conceitos trazidos pela Educação Histórica e Didática da História enquanto escopo-teórico metodológico nas aulas de história do Estado do Paraná. Como fundamentos teóricos, a pesquisa utilizou Rösen (2001) e sua Matriz Curricular bem como as ideias sobre Consciência Histórica do mesmo autor para as discussões dos princípios tratados ao longo do artigo.

Palavras Chave:

Educação Histórica;
Consciência Histórica;
DCEs; Formação de
Professores.

Introdução

Tendo em vista que as Diretrizes e Bases para a Educação Básica de História do Estado do Paraná (DCE; 2008) utiliza a Educação Histórica e o Conceito de Consciência Histórica como indicação para a elaboração do Plano de Trabalho Docente (PTD) dos professores do Estado, parte dessa investigação visa, também, perceber como os professores dessa disciplina se apropriam desse conceito para elaboração de suas aulas.

Entre as questões propostas para tais profissionais estão o conceito de história, sua função e objetivos; se o Plano de Trabalho Docente (PTD) contempla os conceitos trazidos pelas Diretrizes; o uso do conceito de consciência histórica nesses planos de trabalho e, por fim, a percepção das diferentes consciências nas aulas de história.

Para as análises, usou-se as teorias trazidas pela Análise de Conteúdo discutida pela professora Maria Laura Puglisi Franco (2005). As repostas dos professores foram elencadas a partir de categorias distinguindo semelhanças e diferenças trazidas pelas mesmas em conteúdos selecionados não - a priori e divididas em dois grupos: aqueles que possuem conceituação sobre a Educação Histórica e as teorias da Didática da História sobre consciência histórica, e aqueles que consideram a história como pensamento crítico retomando as teorias da década de 90 a respeito dos objetivos do ensino de história.

Isso se deve, principalmente, a continuação da formação desses professores sendo dois deles mestre e mestranda em Educação, pensando no primeiro grupo, e a falta de formação continuada proporcionada pelo Estado do Paraná que fossem voltadas a atualização das teorias recentes para o ensino de História, lacuna percebida pelo segundo grupo que poderia ser amenizada com tais formações.

Percebeu-se ainda que o livro

didático ainda é um grande suporte para as aulas e, mesmo que as teorias não estejam claras para alguns professores, há uma tentativa de diversificar as aulas, pautá-las no uso de fontes e levar ao entendimento de uma consciência que ultrapasse a visão tradicional da história.

Objetivos

As Diretrizes Curriculares possibilitam o direcionar do trabalho pedagógico dos professores, discutir o ensino de história a partir das teorias recentes e possibilitar a reflexão do processo de ensino e aprendizagem de história. Nesse sentido, tanto os objetivos quanto os conteúdos estruturantes e as metodologias e procedimentos indicados pelo material precisariam ser adaptados à realidade do professor, da escola e dos alunos a fim de atingir as demandas propostas, mas também trazer significância às aulas de história tanto para o professor quanto para os alunos.

A Educação Histórica enquanto escopo teórico-metodológico contribui para um ensino de história humanizado. As teorias de Jörn Rüsen destacam que todos possuem consciência histórica, quando esse conceito adentra os muros da escola faz com que tanto alunos quanto professores localizem-se temporalmente sanando lacunas de orientação em um processo dialético em que o pensamento histórico leve a humanização essa também é a base das teorias da Educação Histórica.

Desta forma, a observação das aulas dos professores orientados pelas diretrizes curriculares esboçadas faz-se necessária e constituem o objetivo dessa pesquisa.

Resultados

Foram propostas cinco questões discursivas para os professores:

- | |
|--|
| 1. Qual seu conceito de história? O que você entende como História? Qual a importância da disciplina de história, sua função e objetivo? |
|--|

2. O que você entende por consciência histórica? Já utilizou esse conceito em suas aulas de história?
3. Seu Plano de Trabalho Docente (PDT) é preparado pensando nesse conceito?
4. Em suas aulas, existe alguma estratégia que seja pensada para utilizar esse conceito?
5. Você consegue perceber as diferentes manifestações da consciência histórica em suas aulas de história? Como os alunos manifestam e como você percebe essa manifestação.

Para preservar a imparcialidade da pesquisa como também a não exposição dos professores participantes do questionário, os nomes dos mesmos foram alterados. A escolha dos nomes fictícios não foi tarefa fácil e a opção deu-se pela experiência pessoal com alunos de anos anteriores que de certa forma contribuíram para o levantamento de hipóteses para este e trabalhos anteriores. Assim, duas professoras cuja experiência profissional alçava os vinte anos de carreira foram nomeadas de Paola e Nita respectivamente. Outras duas professoras, mais jovens e com mestrado ou na iminência de obtê-lo, chamá-la-eis de Mariana e Maria Eduarda. Para o único professor do grupo, o nome de um ex-aluno, hoje formado em pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina, Eli.

Os dados foram analisados seguindo a metodologia trazida pela Análise de Conteúdo explanada pela Professora Maria Laura Puglisi Franco (2005). As inferências trazidas pelas questões mencionadas corroboram para a análise de conteúdos manifestos ou implícitos aos enunciados como conteúdos latentes ou trazidos além do texto em sua situação de produção.

A autora entende como inferência os vestígios trazidos pelo texto que levam o pesquisador a extrapolar além do texto e que podem estar associados a ele, principalmente ao referir-se ao seu

emissor. Para tanto, é necessário analisar os índices, fazer uma descrição e interpretar os dados. Esses procedimentos devem conter relevância teórica e para isso, serem comparados a outros dados.

O sentido pode ser percebido a partir da palavra ou do enunciado e emana dele as inferências para a compreensão do texto. O Significado relaciona-se ao conteúdo latente e extrapola as condições de produção textuais observando critérios que vão além do texto. Em questionários pode-se perceber manifestações da cultura, posicionamento político, ideológico ou outras possibilidades nas respostas dos entrevistados que corroboraram posteriormente com a análise das respostas. Quando incorporadas às unidades de Registro podem ser materializadas a partir de categorias de análise. Para os critérios de análise usou-se a Homogeneidade – os critérios não devem ser diversificados e precisam remeter ao tema – em categorias não-a-priori. A começar pela primeira questão:

Categoria 1 – Como professores pesam sua própria disciplina

Professores	Respostas
Paola	O que eu entendo como história: Vou responder usando uma pequena reflexão que explano com os alunos no início do ano: a história é o estudo da ação dos seres humanos, num determinado tempo e lugar, considerando-se que todos são seres humanos (homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, etc), que este tempo pode ser hoje de manhã, ontem ou na pré-história e que os lugares podem ser definidos como continentes, países, ou mesmo a história das famílias, etc. Já o seu estudo se dá com base nas fontes. Importância da disciplina/função/objetivo: perceber as razões que motivaram as pessoas a agirem de um determinado modo e, ao mesmo tempo, refletir que também nós agimos motivados por nossas crenças, nossa cultura, etc.

	<p>Conceito de história: não entendi bem a questão, mas digamos que explico para meus alunos que poderíamos viver sem nunca estudar a história, porém não seríamos capazes de entender com clareza acontecimentos do nosso mundo atual, então seria isso: a história nos dá pistas para podermos entender porque a humanidade é quem é, ou seja (e aqui me saio melhor com exemplos) assim como nós procuramos um psicólogo para refletirmos sobre nossa vida e quem somos, a história faz isso com um povo.</p>		<p>Acredito que, a função da disciplina, bem como seus objetivos, consiste em fazer com que as pessoas, a partir do conhecimento, saibam se posicionar frente às situações que vivemos, pois conhecer sobre o passado, pressupõe que possamos adquirir uma análise mais fundamentada sobre nossa realidade. Portanto, a história quando ensinada, deve fazer sentido ao indivíduo.</p>
Nita	<p>O conceito de história que compartilho é de uma ciência viva, revisitada pelo presente, construída por todos como sujeitos no cotidiano, com suas ações, escolhas, trabalhos, estudos, enfim vida.</p>	Eli	<p>É a ciência que estuda as ações do homem em determinado momento e espaço. Uma disciplina extremamente fundamental para formação de uma sociedade socialmente crítica. Sem esta disciplina acredito em uma sociedade cada dia mais pobre de conceitos e valores. Ela na minha opinião tem por função fazer com que educandos levem para dentro de suas casas discussões de inúmeros níveis, permitido a família crescer na criticidade dos fatos ocorridos, assim como entender melhor seu cotidiano.</p>
Mariana	<p>Entendo a História como um conhecimento que permeia a vida do indivíduo. Nesse sentido a História começa a partir das demandas do presente que nos guia ao passado e nos possibilita estabelecer hipóteses sobre o futuro. A disciplina de história na Educação Básica é importante por que, como já disse, ela dialoga com todas as áreas de conhecimentos presente na grade curricular. Assim o ensino da história tem como função criar condições ao estudante de se descolar no tempo e espaço ao realizar os diálogos com as outras disciplinas. Além disso, a História serve como meio de desenvolver a consciência histórica em nossos alunos.</p>		
Maria Eduarda	<p>O homem é estudado e analisado no tempo e no espaço, no que diz respeito às suas ações individuais e coletivas. História, no meu ponto de vista, vai além de uma disciplina escolar, pois trata-se do conhecimento que as pessoas possuem sobre a vida, o passado, suas culturas e também dos demais povos. Compreender a história, faz romper os limites de uma sala de aula, pois gera em nós e nos nossos alunos, uma forma mais crítica e “refinada” de olhar sobre a vida e os fatos que aconteceram e acontecem ao nosso redor, daí sua importância!</p>		

Tabela 1 – Conceito, função e objetivos da disciplina de história para professores de história.

O conceito de história foi analisado pela superação de uma história linear e positivista. Nesse sentido, os professores têm um posicionamento ao encontro das perspectivas discutidas ao partirem das necessidades do presente para buscar no passado a orientação para as respostas formuladas nesse mesmo tempo presente. A busca de uma história que saia dos limites da escola e alcance a sociedade e a família foi relatado na fala de Eli que, juntamente com Nita e Paola, traz a baila uma discussão da superação da história como mestra da vida, “ou seja, uma coleção de fatos sucessiva e sistematicamente repetidos, e passou a ser compreendida como “processo”, do qual os seres humanos se tornaram sujeitos, agentes de suas experiências cotidianas” (ALVES, 2015, p.3). Nita reforça o uso de fontes e dos procedimentos metodológicos de tempo e espaço como necessários na concepção de história.

Fixa-se o olhar nos três

professores por perceber a ênfase na palavra crítica. Por ela, observa-se não estar ligada à consciência histórica de tipo crítica e sim a uma história que leve ao pensamento crítico discutido nas décadas de 90 por teóricos como Demerval Saviani, por exemplo. Thiago Augusto Divardim Oliveira (2016) em sua dissertação de mestrado mostra as discussões de Cardoso (2007) sobre a problemática da ideia de formação cidadã, seus propósitos e seu conceito. O que é ser cidadão em diferentes tempos históricos? Não cabe a explanação dessas ideias aqui, no entanto, compará-la com as propostas da Educação Histórica. Nessa mesma linha, uma história reflexiva orienta o cotidiano dos sujeitos, mas não faz repensar a história como um processo que leve a humanização.

Mariana e Maria Eduarda são professoras mestre e mestranda do Programa de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Em suas repostas, tanto os conceito, procedimentos metodológicos e processo ganham mais clareza.

Categoria 2 – Consciência Histórica em prática.

Professores	Respostas
Paola	Pensando na consciência histórica como uma reflexão sobre nosso tempo, sustentada pelo conhecimento histórico, sim, procuro ter essa consciência histórica quando abordamos determinados temas na sala de aula, por exemplo: quando pensamos que o brasileiro não sabe escolher seus políticos representantes, procuro demonstrar que no Brasil Colônia tínhamos um governo absolutista, no Império o voto censitário masculino, na República o universal masculino dos alfabetizados (excluindo ainda outros grupos) e ainda com voto de cabresto e clientelismo, um governo autoritário de Getúlio, um período populista, uma ditadura militar, para somente em 88 entrarmos numa democracia. Daí entendemos

	porque o povo brasileiro não tem uma “prática” na participação cidadã. Outro exemplo foi semana passada com o feriado do padroeiro da cidade de Londrina, procurei mostrar que esta influência católica vem desde a colonização, etc.
Nita	Consciência Histórica para mim está relacionado com a prática da cidadania, consciência de seus direitos, ação do aluno como sujeito de sua história. Desenvolver a autonomia na aprendizagem, dominar conceitos sociais e se posicionar frente as convenções sociais, no bairro, na escola, na sociedade.
Mariana	Consciência histórica é o resultado das operações mentais que os homens usam para entender suas experiências no mundo, de forma orientar sua vida prática no tempo e no espaço. Honestamente, não é algo intencional nas minhas aulas a utilização desse conceito, ele vem como consequência dos estudos guiados pelos passos da Aula oficina.
Maria Eduarda	Entendo por consciência histórica a capacidade do ser humano em pensar historicamente, buscando entender sobre sua própria história, bem como a história dos demais povos. Utilizo esta teoria da historicidade que orienta a existência humana na preparação das minhas aulas
Eli	Entendo consciência histórica o tomar conhecimento de algo relacionado a sociedade e deste ponto partir para análise, interpretação e conclusão dos pontos positivos e negativos.

Tabela 2 – Consciência Histórica

Mariana resgata as ideias de Isabel Barca proposta nas Jornadas de Educação Histórica de 2004 sobre Aula Oficina corroborando com os conceitos da Educação Histórica.

A ideia de formação cidadã uma vez mais aparece nas discussões, ora como “prática cidadã” ora “como sujeito de sua história”. A história como prática cidadã estaria ligada à atividade social guiada pela

história, desse modo, de orientação para a vida prática em sociedade e tomada de decisão sobre, por exemplo, política e o ato de votar.

Maria Eduarda reforça a ideia de buscar diferentes temporalidades para compreender sua história e a do outro. A consciência histórica se dá em uma relação e interação com o outro. Oliveira (2017) resgata em sua tese de doutoramento o conceito de consciência histórica enquanto essência humana ao mesmo tempo produto social. Sendo assim, mudando a visão de mundo, muda-se a consciência; esse cambio ocorre a partir da relação estabelecida pela cultura, sociedade e história. A consciência terá diferente manifestação conforme a relação estabelecida e a visão de mundo acessada.

Eli distingue três processos da consciência em sua visão: análise, interpretação e conclusão. A relação da história enquanto análise do discurso ali exposto. Assim, o aluno analisa o conteúdo historiográfico proposto, interpreta e o julga como positivo ou negativo de acordo com suas percepções e retirando aquilo que foi positivo e descartando o negativo.

Rüsen (2001) fundamenta as três dimensões do saber histórico, experiência, interpretação e orientação. As experiências no tempo presente são interpretadas a luz do passado para orientação da vida futura. Sendo assim, as noções de certo ou errado são relativas e dependem do tipo de consciência acessada pelo aluno no momento do contato com o conteúdo historiográfico.

Categoria 3 – Plano de trabalho Docente e Educação Histórica

Professores	Respostas
Paola	Não. Meu plano de trabalho docente acaba sendo uma lista de conteúdos que serão abordados, procurando contemplar as diretrizes estaduais e alinha-las aos conteúdos do livro didático. Digamos que a consciência histórica permeia o meu trabalho

	enquanto currículo oculto, pensado como uma influência no meu trabalho.
Nita	Meus PTDs contemplam essa busca de autonomia no educando. Porém, algumas vezes com salas mais difíceis, com turmas mais problemáticas, minhas estratégias têm que partir de rumos tradicionais até conseguir desenvolver o pensar reflexivo.
Mariana	Não, intencionalmente não, mas acho que ele é parte pois todo professor de história deseja que seu aluno modifique sua forma de se relacionar com os conteúdos históricos de forma a sair da consciência histórica tradicional tão comum em nossos alunos.
Maria Eduarda	Sim
Eli	Sim, sempre tentando fazer com que o discente compreenda, analise, interprete e forme opinião sobre tal fato.

Tabela 3 – Plano de Trabalho Docente relacionado às Diretrizes.

Essa questão faz refletir sobre a importância do livro didático para os professores da rede pública de ensino. Embora se adequando às DCEs, os conteúdos trazidos pelos livros didáticos ainda são a fonte para a elaboração dos planos de trabalhos dos professores. A análise dessa categoria recai sobre as Diretrizes serem usadas somente como item expositivo e obrigatório, sendo as práticas permeadas pelo tradicional e pela exposição de conteúdo.

Mariana expõe a necessidade e mudança da consciência tradicional através do planejamento das aulas. Os conteúdos historiográficos conseguiriam fazer essa mudança a partir das dimensões explicitadas de experiência, interpretação e orientação. Aulas baseadas em diferentes fontes no reconhecimento das múltiplas temporalidades e que busquem os direitos dos homens em sua dignidade humana.

Eli, novamente, destaca a importância da interpretação da história contada, remontando a ideia de uma aula

expositiva. A problematização, nesse caso, não parte das necessidades de orientação, mas da crítica à historiografia.

Nita concebe às suas aulas a necessidade de autonomia de seus alunos. Oliveira (2012) em sua dissertação de mestrado aproxima as ideias de Rüsen as de Paulo Freire destacando que a educação seja a busca da emancipação do sujeito e consciência do seu lugar social, teoria próxima do Novo Humanismo.

Categoria 4 – Percepção e conceito sobre Consciência Histórica

Professores	Respostas
Paola	<p>Acredito que sim. Explico: utilizo muito o livro didático, seja no fundamental ou no médio mas, geralmente, procuro dar prioridade a questões mais reflexivas ou, quando elas não existem, procuro eu mesmo fazê-las, procurando levar a uma consciência crítica. Quando possível faço paralelos com a consciência exemplar, mas isso acontece mais na exposição (exemplos: estávamos vendo como a questão social/trabalhista no início da república era um caso de polícia e em Curitiba está havendo um embate de professores que foram “contidos” pela polícia, ou mesmo o 29 de abril; ou as leis trabalhistas de Vargas e a Reforma Trabalhista a ser aprovada), ou seja, me parece que a questão da consciência exemplar tem relação direta com o que vivencio no momento. Pode ser que no ano que vem as questões sejam outras e daí a exposição siga outro direcionamento.</p> <p>Também quando possível agrego textos jornalísticos que fazem um paralelo da consciência crítica com a consciência exemplar, como por exemplo quando as mortes da travessia do mediterrâneo estavam em todos os noticiários, devido à morte do menino sírio Aylan, mas se fazia um silêncio sobre a morte de africanos. Daí foi possível questionar como outras tragédias históricas passaram “despercebidas”: o genocídio dos indígenas da América, dos judeus, a violência do neocolonialismo, etc; além de ressaltar que a morte de uns</p>

	choca e de outros nem são mencionadas.
Nita	A manifestação da consciência histórica de meus alunos se expressa nas suas produções de texto, desenhos, seminários e conclusões de trabalho solicitados nas avaliações. Porém, na minha metodologia das aulas incluo debates, estímulos a formarem opiniões, conceitos e a se posicionarem para defender teses.
Mariana	Não, na verdade as vezes, quando trabalho com documentos que apresentam diferentes interpretações sobre um acontecimento histórico, imaginando que isso possibilita ao aluno construir sua própria narrativa sobre o que estudou.
Maria Eduarda	Basicamente, a própria forma de abordar sobre o conceito do que representa a história (citado na questão 1), bem como os debates propostos em sala de aula, acredito que instiguem os alunos à pensarem historicamente, contribuindo para que demonstrem sua consciência histórica. Oportunizar para que o aluno compartilhe sobre o seu conhecimento prévio que ele traz consigo, do senso comum, para depois acrescentar o conhecimento científico, sistematizado, creio que fomenta neste aluno um olhar significativo sobre a história e, portanto, uma consciência histórica.
Eli	Esquetes, vídeos, jornais e revistas, assim como, documentos xerocados para estudo dos fatos.

Tabela 5 – Identificação do tipo de consciência histórica

A narrativa historiográfica como forma de materialização do pensamento histórico pode ser expressa de forma escrita ou oral. O uso de fontes é instrumento metodológico na busca de uma consciência moderna. Os professores fazem uso de diferentes materiais em sala de aula enquanto recursos como jornais e revistas, Eli, e o livro didático, Paola. No entanto, a consciência histórica não consegue ser percebida sem a problematização e a narrativa produzida pelos alunos.

Maria Eduarda interfere no censo comum e sentimentos de pertença dos alunos por meio do conteúdo historiográfico sistematizado e percebe, nas falas dos alunos, a mudança ou permanência dos mesmos princípios depois das explicações dadas em sala. Mariana, todavia, utiliza o conceito de narrativa para analisar a consciência dos alunos em sala. O que Nita defende em seus debates e posicionamentos acerca de determinados fatos historiográficos.

Categoria 5 – Tipos de Consciência Histórica

Professores	Respostas
Paola	<p>Acredito que como minhas respostas se baseiam muito em exemplos, a consciência crítica e a exemplar já foram contempladas. Quanto à consciência tradicional também procuro questioná-la, principalmente mostrando como nem sempre foi assim, ou como mesmo hoje, em outros lugares do mundo ainda há diferenças (como o papel da mulher no Brasil Colônia ou hoje em dia em países islâmicos mais tradicionais), também procuro fazer isso quando pensamos na influência da igreja cristã no nosso cotidiano e o quanto ela influencia em julgamentos e questões legais (aborto, etc). Já a consciência genética aparece mais esporadicamente, principalmente quando pensamos no neoliberalismo, neste caso, analiso o início da Revolução Industrial, vemos as bandeiras do neoliberalismo e isso tudo só me aponta para uma</p>

	<p>sociedade tipo a mostrada no filme Jogos Vorazes: um pequeno grupo morando no luxo e a esmagadora maioria da população pauperizada e controlada pela mídia e pelo exército. Também vejo isso quando posso inserir o crescimento silencioso do islamismo pelo mundo e como isso pode mudar os rumos da política mundial. Também acabo fazendo uso da consciência genética quando fazemos um paralelo da industrialização, consumismo e poluição ambiental... como será o mundo se este quadro não se alterar...</p>
Nita	<p>Trabalho primeiro com as experiências individuais dos alunos para daí construir e desconstruir conceitos históricos. Sempre utilizo fatos do presente, da realidade, do bairro ou do país para abstrair o conteúdo. Meus alunos trazem sua realidade para as aulas, suas ideias e até opiniões formadas sobre assuntos e são estimulados a terem opinião, a se posicionarem na política escolar por exemplo.</p>
Mariana	<p>Sim, de maneira geral a Tradicional e a exemplar com maior intensidade. Percebo em atividades que oportuniza aos estudantes escrever ou expor oralmente suas ideias sobre o que estudamos.</p>
Maria Eduarda	<p>Como lidamos com vários alunos ao mesmo tempo, a cognição é algo característico e peculiar, pois cada um têm seu tempo e maturidade para aprender. Assim também a consciência histórica se manifesta de acordo com as vivências e as apropriações de cada um. Ao participarem das aulas, na forma como respondem as avaliações, na maneira como interagem, dentre tantas outras formas de manifestação, tudo isto demonstra a consciência histórica que os alunos apresentam.</p>
Eli	<p>Sim com certeza. Através de debates, perguntas e até mesmo ponderações destes sobre os fatos estudados.</p>

Tabela 5 – Identificação do tipo de Consciência Histórica manifesta nos alunos.

A consciência tradicional foi o

destaque dos professores quando questionados sobre o tipo de consciência percebida em seus alunos junto com a consciência exemplar. Paola incentiva seus alunos a terem uma consciência crítica de acordo com a forma que enxerga sua disciplina como desenvolvimento do pensamento crítico; sua percepção está imbuída de sua intencionalidade enquanto professora o que pode dificultar a percepção dos tipos de consciência.

Maria Eduarda destaca uma discussão já exposta em que a consciência história será acessada de acordo com as necessidades de orientação de cada indivíduo em diferentes lacunas temporais. A consciência genética, estudada por essa fala, depende do aprofundamento dos estudos de cada sujeito em tempos e situações diferentes. Dependendo do lugar ou espaço, o aluno irá acessar um tipo de consciência.

Considerações Finais

As Diretrizes Curriculares para a Educação Básica de História são orientadoras do trabalho docente nas escolas públicas de Ensino do Estado do Paraná. Desde 2008, ano de sua última publicação, as DCEs trouxeram uma nova proposta enquanto escopo teórico-metodológico para o ensino de história: a Educação Histórica.

Orientando sobre conceito, objetivos e procedimentos metodológicos, a Educação Histórica busca na Didática da História, discutida pelo alemão Jörn Rüsen, como se dá o processo do pensamento histórico dos alunos quando expostos aos conteúdos historiográficos em sala de aula, assim, manifestando diferentes tipos de consciência histórica materializada por meio de narrativas históricas.

Dado isso, o uso ou não das DCEs faz parte do tipo de história que é compreendida pelos professores uma vez que podem influenciar no tipo de consciência dos alunos, é importante discutir o que os mesmos pensam sobre

sua própria disciplina, a função e objetivos da mesma.

Nesse sentido, professores com tempo de formação situado até os anos 2000, demonstraram uma forte relação com as ideias desse período, assim, a história teria sua função enquanto formação cidadã ou formação para um pensamento crítico reflexivo, teorias propostas na década de 90. Ora, a Educação Histórica discute outros objetivos que, embora recentes, menos de 10 anos, remete a outra função do saber histórico.

Em análise das respostas dos professores, percebe-se a distinção de dois grupos: o primeiro, composto pelas professoras Paola, Nita e Eli possuem dificuldades em compreender as propostas das DCEs embora afirmem utilizá-la em seus Planos de Trabalho Docente e cultivam as teorias dos tempos de sua formação inicial na graduação em História. Com nuances que me pareceram instintivas, fazem pequenas relações com as propostas das Diretrizes e da Educação Histórica como a busca de uma autonomia, o uso de fontes, os procedimentos metodológicos de tempo e espaço, a problematização a partir do presente e busca no passado como orientação e busca de uma história que leve a autonomia e reflexão.

O segundo grupo é composto por Mariana e Maria Eduarda que demonstram sensibilidade com as ideias propostas e a utilização dos conceitos usados pelas diretrizes logo pela Educação Histórica.

Percebeu-se que a continuidade nos estudos na área da educação fez com que Mariana e Maria Eduarda se atualizassem com as teorias vigentes sobre o ensino de História. Nesse caso, o aperfeiçoamento do professor dentro e fora da escola contribuindo com a atualização e melhoria das metodologias aplicadas em sala.

Percebe-se, também, que os

professores, embora alguns formados depois da escrita das DCEs em 2008, elaboram suas aulas na tentativa de superar a ideia de uma história linear e sem relação com a vida prática do aluno. As atividades, nesse sentido, são pensadas nas relações espaciais e temporais do sujeito e sua relação com o Outro. No entanto, existe uma inversão de interpretação entre a consciência crítica explicada por Rüsen como o estímulo a criticidade do aluno.

O uso das fontes é algo predominante na metodologia dos professores e a busca por outros recursos como vídeos, jornais, fotocópias são bem utilizados, porém o livro didático ainda é a base para a preparação das aulas de história. Assim, focado no livro didático, o conceito de Consciência Histórica fica mais restrito e difícil de ser percebido.

Existe também um equívoco de interpretação, percebido no primeiro grupo de professores, sobre a consciência exemplar confundida com exemplos de situações e tempos históricos. A Consciência Tradicional vem como algo a ser superado para um pensamento histórico mais crítico. O estímulo à consciência genética por meio de exemplos é pensada na relação do passado com o presente do aluno (conteúdo Neoliberalismo/Industrialização). Isso pode gerar dúvidas já que a explanação do conteúdo para estímulo de uma consciência crítica ou genética através do livro didático não seria possível e sim, a interação de conteúdo e consciência.

Tais ocorrências são propiciadas, principalmente, por uma formação continuada que não volta seus interesses a tratar da metodologia utilizada no Paraná e, embora sejam recentes, a Educação

Histórica e a Didática da História são as teorias usadas no Estado devendo ser conhecidas e apropriadas pelos professores da rede na tentativa de avançar nos estudos na área bem como para um ensino de história que supere as lacunas atuais de orientação bem como de uma história positivista e linear.

Referências

- ALVES, Ronaldo Cardoso. Por um ensino de História com sentido para a vida. **Diálogos (Maringá. Online)**, v. 19, n.1, p. 323-343, jan.-abr./2015.
- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: **Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Análise de **Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- PARANÁ. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: História**. Curitiba: Jam3 Comunicações, 2008.
- OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim de. **A relação ensino aprendizagem como práxis: educação histórica e a formação de professores**. Dissertação de Mestrado defendida pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR. Ano de 2012. 214fls.
- OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim de. **A Formação Histórica (Bildung) como Princípio da Didática da História no Ensino Médio: teoria e práxis**. Tese de Doutorado defendida pela Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR. Ano de 2017. 444 f.
- RÜSEN, Jörn. Didática - funções do saber histórico. In: **História Viva: teoria da História, formas e funções do conhecimento histórico**. Trad. Estevan de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.